

Sophie de Mijolla-Mellor

Resumo: Pretende-se, nesse artigo, relacionar o trabalho da sublimação com a constituição dos ideais que caracterizam a economia narcísica do sujeito freudiano. Partindo da diferenciação, sublinhada por Freud, entre sublimação e idealização, demonstra-se de que modo o processo sublimatório se aproxima do trabalho de desidealização promovido pelo humor. Na sublimação, assim como no humor, assiste-se a uma “ereção do eu no eu”, ao mesmo tempo em que se elabora o luto pelos objetos idealizado da infância. O papel da pulsão de morte para a emergência de processos criativos é também analisado.

Palavras- chave: Sublimação. Humor. Ideal do eu. Trabalho de luto. Pulsão de morte.

1 Introdução

Freud sempre evitou confundir dois processos que, no entanto, parecia relacionar: a idealização e a sublimação. O ideal de eu, enquanto instância separada, não pode concentrar em si o investimento libidinal forçando o eu a sublimar suas pulsões, mas constitui por sua própria existência um chamado à derivação sublimatória.

Em “Psicologia das massas e análise do ego” (Freud, 1921/1980), a idealização é apresentada em oposição à identificação, em função de três critérios:

- a idealização empobrece o eu de libido, enquanto que, na identificação, o eu introjeta o objeto e suas qualidades e, portanto, se enriquece;

1 Traduzido por Luiz Eduardo de V. Moreira

- na idealização, existe um objeto externo superinvestido como tal pelo eu, enquanto a identificação repousa sobre a perda do objeto, restabelecido no eu precisamente ao identificar-se com ele;
- na idealização, o objeto é posto no lugar do ideal de eu, enquanto que, na identificação, é o próprio eu, e não sua instância ideal, que é colocado no lugar do objeto;

A idealização é, portanto, definida como uma consequência do fracasso da formação do supereu e do ideal de eu na saída do Édipo. Não tendo podido constituir suas instâncias ideais em um sólido processo de identificação que assegurasse que, por seu intermédio, os primeiros objetos idealizados se tornassem propriedade do eu, este último encontra-se obrigado a despojar-se de sua libido narcísica em benefício de objetos existentes na realidade e, portanto, alienantes, no sentido de uma restrição imposta ao eu de colocar para fora de si seu elemento constitutivo mais importante, o ideal do eu.

Enquanto a identificação constituía uma apropriação dessas imagens parentais primitivas, a idealização renova a situação de abandono da infância, “paralisia nascida da relação entre um ser poderoso e um ser impotente, indefeso” (Freud, 1921/1980, p. 180). Não tendo sido introjetado pela identificação, o ideal do eu não exerce mais sua função crítica superegoica, como instância que passa no crivo da observação e permite tanto a especulação e a introspecção filosófica, quanto a consciência moral.

A alienação ideológica como abandono “sublimado” (para Freud, “dessexualizado”) a uma ideia abstrata depende, portanto, do que foi demonstrado pela análise do crime passional: a idealização fez calar a instância crítica, que é assumida por outro, exterior ao eu. A relação muito particular que a idealização estabelece com a realidade é, portanto, análoga àquela que encontramos na encenação perversa. Tudo se passa como se houvesse, para o sujeito, uma obrigação de estar ligado à realidade de uma cena ou de um objeto, em que, para o neurótico, a fantasia da mesma cena seria suficiente. Obrigação que, no discurso do paciente perverso, reproduz a narrativa de uma violência passada em que ele teria sido realmente a vítima.²

A superestimação por meio da qual o eu iza seu ideal é nascida da idealização que ele pode fazer de seus pais, que foram os primeiros representantes desse ideal. Mas aquela na qual este mesmo eu se apoia, seu eu-ideal, é também o prolongamento da maneira pela qual a criança foi colocada em posição de ser “*sua majestade, o bebê*” (Freud, 1914/1980, p. 108). Contudo, os próprios pais não sustentariam tão diretamente tal afirmação e, se eles o fizessem de outra maneira que não a humorística, é muito provável que as consequências seriam repletas de inibições posteriores para a criança.

2 Ver minha análise sobre o libertino sadiano (Mijolla-Mellor, 1992).

A majestade em questão está, portanto, sempre por vir, na esperança da realização dos anseios aos quais os próprios pais precisaram renunciar. Pode-se, assim, sustentar a hipótese de que o *processo sublimatório estabelece uma distância temporal da mesma ordem face aos pedidos do ideal do eu, e essa é a razão pela qual ele se inscreve sempre em uma duração e no espaço de um trabalho* (Mijolla-Mellor, 2005).

De maneira geral, se as exigências do ideal podem ser motivadoras e suportáveis para o eu, é porque ele reencontra a atitude infantil que o fazia imaginar ser capaz de atingi-las mais tarde, “quando ele crescesse”. Ao propor considerarmos a noção de sublimação por meio de um *trabalho sublimatório*, não é o processo de transformação da pulsão sexual que privilegia, mas as condições de uma articulação tópica suscetível de torná-la possível. Poder-se-iam formular as questões nesses termos: se não é suficiente trocar seu narcisismo pela veneração de um ideal do eu elevado, qual é, então, a relação entre o eu e seu ideal que pode favorecer a emergência dos processos sublimatórios?

A sublimação está, na verdade, ligada ao *investimento de um tempo futuro* e ao trabalho para conseguir isso (Mijolla-Mellor, 2009). Essa é a razão pela qual se pode legitimamente aproximar a sublimação destes momentos de reelaboração identificatória que constituem o trabalho de luto, o do humor, o tempo do período de latência, bem como o da cura psicanalítica. De fato, se o ideal de eu está conforme seu objetivo original (segundo Freud, tornar-se como o pai), é com qualquer espécie de atividade relacionada a esse fim que ele incita o eu, na medida em que essa atividade é suscetível de resgatar uma imagem identificatória valorizada para o eu.

Assim sendo, a idealização vai introjetar identificações inconscientes emprestadas dos objetos do Édipo sem que ele tenha tido a menor elaboração do tipo sublimatório, enquanto a sublimação trabalha sobre o luto do próprio eu ou, mais precisamente, sobre o *luto do eu-ideal todo poderoso*.

A criança se crê amada na medida, e segundo os contornos, da onipotência que ela crê ser sua, e ao perdê-la ela perde também a relação que o objeto investido tinha com ela. Encontrar um substituto ao que foi assim perdido não pode limitar-se a introjetar as qualidades do objeto: é necessário, para fazer-se amar, substituir o eu-ideal, que se mostrou ilusório, por um objeto, uma atividade, uma obra, que o eu tomará como sua. Espere-se que esse processo permita substituir não apenas o objeto ideal, mas o eu-ideal. A representação sublimada de si é ligada a um projeto preciso e limitado, no qual a própria busca terá o poder de restituir ao eu a imagem ideal que ele perdeu.

A hipótese freudiana de uma definição global do percurso geral de toda sublimação a partir da transformação da libido sexual de objeto em libido narcísica repousava, de fato, sobre a contradição entre a impossibilidade do eu de ser investido por uma libido sexual proveniente do isso e a necessidade de se apresentar, apesar disso, como objeto substituto (Freud,

1923/1980; Mijolla-Mellor, 1992). Mas por que este trabalho complicado tanto sobre a libido quanto sobre o próprio eu? Não seria mais “econômico” que o isso investisse um outro objeto, que eventualmente se assemelhasse ao anterior?

Minha hipótese é que o eu não se apresenta ao amor do isso unicamente com uma finalidade ilusória de domínio, mas porque ele não tem outra escolha. *O objeto perdido não é substituível porque se trata do próprio eu sob sua forma ideal arcaica, pré-forma mítica tanto do objeto quanto do eu – ambos então indiferenciados –, perdida, mas jamais esquecida.* Se esta última sustenta a série dos objetos-substitutos, ela pode também, por um período, encarnar-se em um objeto privilegiado cuja perda reativa, então, o mecanismo das primeiras identificações.

Resta então ao eu reencontrar não o objeto, mas a *solução de substituição* primitivamente inventada. Esta solução não é econômica; vimos, inclusive, que ela é perigosa, mas as modificações profundas que ela requer abrem caminho para o que ficaria, sem isso, fora dos alvos da libido, ou seja, as realizações sublimadas.

2 Escolher contra a morte

Como eu já mostrei em outro lugar (Mijolla-Mellor, 2009), é o modelo do humor que permite melhor compreender o trabalho de reconstituição sublimatória do eu no eu, porque ele constitui uma vitória contra o que normalmente deveria levar à depressão, ao sentimento de injustiça ou de vazio. Nesse sentido, não é exagerado dizer que toda escolha sublimatória efetua-se contra o deslizamento em direção à via mais direta, a da morte. Pois nem o humor, nem as sublimações configuram uma mera aceitação da realidade, mas sim desafios lançados aos seus limites.

Pode-se vê-lo de maneira particularmente nítida, por exemplo, quando se trata de realizações de ordem esportiva, que parecem afrontar as leis da gravidade e as possibilidades de um corpo, ou na criação de uma neorrealidade por meio da obra artística. Da mesma maneira, embora mais modestamente, o trabalho do pensamento, ao utilizar as dificuldades e os fracassos vividos no cotidiano para criar a oportunidade de uma pesquisa e a busca de uma explicação, depende do mesmo mecanismo.

Sabe-se que os limites impostos pela realidade nunca são vividos por um sujeito de maneira anônima, mas como a manifestação de uma instância parental interditora, ou seja, persecutória, se não se trata apenas de uma barreira, mas de um ataque imposto ao eu. Poderíamos, a partir deste fato, interpretar o deslocamento tópico próprio à sublimação no modelo do humor da seguinte maneira: a identificação à instância ideal protetora e seu superinvestimento também são uma vitória contra esta mesma instância sob sua forma negativa e crítica. Por isso, é a esta última que se deve

atribuir a emergência do afeto de triunfo tão característico do humor, mas presente também no prazer sublimado.

A possibilidade de um ganho de prazer no humor ou no sucesso pontual de uma atividade sustentada por um processo sublimatório não se produz unicamente contra o fundo de uma identificação a um pai protetor. Ela implica sempre (e é por isso que se pode ter prazer no triunfo) a vitória sobre um objeto odiado, interiorizado sob a forma de um super-reu interditor e cruel. Relembremos, a esse propósito, a festa maníaca que Freud (1917[1915]/1980) definiu em “Luto e melancolia” segundo um estranho crescendo.

Na mania é preciso que o eu tenha:

superado a perda do objeto [Seria então a saída normal do luto, mas Freud nos disse que o trabalho do luto, esgotando a energia libidinal, não conhecia tal sentimento de triunfo];

ou bem o luto relativo a esta perda [Seria então a situação de um eu retomando em suas mãos os fragmentos de libido destacados um a um do objeto, mas um tal entusiasmo só é concebível ao fim do trabalho e, portanto, não deixa oportunidade para uma descarga tão importante];

ou bem que ele seja seu próprio objeto.

Freud acrescenta que esta última possibilidade continua de qualquer maneira ignorada pelo eu, que não sabe o que ele superou e sobre o que ele triunfa.

A relação de raiva destrutiva no humor é transposta para o interior da psique, com a instância ideal exigindo que o eu se abandone, mas, simultaneamente e graças a esta operação, que se identifique com os aspectos positivos do objeto amado destruído.

Seria preciso dar um lugar especial à análise das relações entre o humor e a mania que, contrariamente à sublimação, repousa sobre uma rebelião contra o ideal do eu, que assegura ao sujeito de maneira ilusória e pontual uma coincidência ou uma dissolução temporária do eu com seu ideal.

Frente à angústia de morte *que atua entre o eu e o supereu*, o humor e a sublimação oferecem respostas, cada um à sua maneira:³

- por meio do humor, o eu recusa a abandonar-se e rebela-se contra o ideal do eu apoiando-se, para isso, sobre os aspectos positivos de seu supereu.

3 Ver, a esse respeito, as análises de Daniel Kupermann indicando a metapsicologia do humor como paradigma do processo sublimatório (Kupermann, 2003, 2010).

- as formas de sublimação que levam à produção de uma obra (ou, de maneira muito mais geral, de um trabalho) situam a relação entre eu e supereu de uma maneira diferente: o eu obriga o supereu a amá-lo, renunciando à forma criticada por este último e edificando, por seu trabalho sublimatório, uma nova forma de eu segundo o modelo do ideal. É neste sentido que, parece-me, pode-se compreender a sublimação como uma ereção ou um restabelecimento do eu no eu depois que este último tenha podido ou tenha arriscado ser o objeto de uma perda. A perda primária que induzirá as primeiras escolhas sublimatórias é aquela do eu-ideal.

Desse ponto de vista, a sublimação parece bem diferente do processo de identificação que erige o objeto no eu, da mesma maneira que o processo de idealização, que coloca o objeto no lugar do ideal do eu. Para assegurar este restabelecimento, o eu reencontra - e opõe à situação atual - suas primeiras identificações, aquelas que foram, para ele, fundadoras das imagens de ideal e da constituição do supereu.

Se lhe foi então possível estabelecer com este último uma relação que não seja apenas crítica, mas também de proteção e de reconhecimento identificatório, ele pode, mais tarde, encontrar aí uma solução para responder à angústia da perda do eu. Assim sendo, confirmar-se-ia a ideia, expressa por Freud (1910/1980) em “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, de que a sublimação é um processo determinado desde sua origem.

O processo sublimatório atua na duração, pois ele não implica que o eu coincida de saída com seu ideal, mas que a instância crítica possa reconhecer que ele dedica-se inteiramente a esse objetivo. Esse resultado provavelmente não seria possível se o narcisismo não viesse auxiliar sob a forma da superestima. Mesmo no mais cético, talvez não haja atividade sublimada que não se sustente na fantasia de que o eu poderá, um dia, mesmo parcialmente, coincidir com o ideal promovendo, assim, a sensação de triunfo tão desejada. Com essa esperança, o sujeito pode gozar o prazer moderado que a satisfação sublimatória oferece, sempre oposta a um risco de perda que se assemelha bem mais a uma perda do eu que a uma perda do objeto.

As modificações tópicas implicadas pelo trabalho do humor fornecem-nos, portanto, as melhores hipóteses referentes à caracterização metapsicológica da sublimação concebida em função do jogo entre o eu e suas instâncias ideais.

Quando pode se produzir esta escolha sublimatória? Os “momentos críticos” da vida – puberdade, entrada no mundo adulto, idade de aposentadoria, senescência – abrem a possibilidade de uma modificação tópica na relação entre o eu e seu ideal, porque obrigam o sujeito a reexaminar a

imagem que ele tem de si próprio. Essas situações de passagem de um estado a outro remetem sempre ao que seria a passagem absoluta, a morte. Como destacava Freud (1916[1915]/1980), o efêmero dá valor aos objetos e aqui, nesse caso, ao próprio eu.

As sublimações se oferecem como um meio particularmente eficaz para responder ao luto antecipado de si mesmo por uma atividade que necessita, para ser realizada, que o sujeito conserve-se vivo. Por outro lado, se a ideia de morte frequentemente permite que se atualize o que só está presente em um sujeito em estado potencial; esta atualização tem como função, reciprocamente, garantir-lhe fantasiosamente o distanciamento indefinido de sua morte real.

Contudo, como vimos, está longe de ser claro se a energia sublimada pertence a Eros ou a Thánatos. A transposição de uma escolha de objeto erótico a uma modificação do eu é, escreve Freud (1923/1980), “um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id e aprofundar suas relações com ele – à custa, é verdade, de sujeitar-se em grande parte às exigências do id” (p. 44). De fato, o eu assemelha-se a um rapaz obsequioso que mendiga o amor de seu mestre bem mais que a um mestre. Ele poderia, com efeito, impor o que quer que seja a tal mestre e, particularmente, mudar de objeto?

Ele parece conseguir por meio da identificação, mas, novamente, o isso continua mais forte. Os valores que o eu investiu como seus fins sublimados mais perfeitos reduzem-se às escolhas originais edípicas do isso: “O que pertencia à parte mais baixa da vida mental de cada um de nós é transformado, mediante a formação do ideal, no que é mais elevado na mente humana pela nossa escala de valores” (Freud, 1923/1980, p. 51).

Mas a modificação radical a que o eu submete a libido do isso, a dessexualização, não acontece sem consequências negativas. O eu assemelha-se ao aprendiz de feiticeiro que, ao manipular os alambiques, desencadeou resultados inesperados e ameaçadores. A desunião das diferentes pulsões fundidas resulta nesta energia libidinal dessexualizada – certamente livre e móvel como Eros –, mas ela deixa de lado o que seguia com ela, isto é, os componentes da pulsão de morte, pouco móveis e que subsistem sem estarem ligados como antes. Estes retornam então para o eu, por meio das exigências do ideal, tanto mais duros e cruéis quanto o eu tenha limitado sua agressividade em direção ao exterior.

Se seguirmos o raciocínio de Freud, poderíamos chegar a pensar que, se a atividade sublimada não for acompanhada de uma dose de agressividade suficiente dirigida ao exterior, o eu encontra-se gravemente ameaçado pelos componentes destrutivos retomados pelo ideal do eu. A clínica confirmaria isso em muitos aspectos. Numerosas inibições intelectuais procedem de mecanismos desta ordem que, se não chegam a manter o sujeito na “cultura pura da pulsão de morte” que caracteriza os melancólicos

(Freud, 1923/1980, p. 69), impõem-lhes um fechamento em uma repetição estéril e sombria.

Compreende-se melhor o que aparece como uma contradição no texto de Freud (1923/1980), ou seja, que ele possa escrever sucessivamente que a libido sublimada “ainda reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar – na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade, ou tendência à unidade, que é particularmente característica do ego” (p. 61). E, algumas linhas mais à frente, que “dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais opostos”.

Com efeito, o objetivo do eu na sublimação está de acordo com as aspirações de Eros, mas as consequências imprevistas e involuntárias de sua ação também trabalham a serviço da pulsão de morte porque, desligada, ela torna-se mais perigosa. Encontramos aqui o funcionamento “hegeliano” do pensamento de Freud, tal como o sublinhei a propósito da sublimação como “ardil da civilização” (Mijolla-Mellor, 2009). Aqui, no entanto, dever-se-ia falar de um “ardil da pulsão de morte”.

Uma vez mais as tentativas de domínio do isso pelo eu são impedidas e Freud (1923/1980, p. 73) conclui que o eu facilita ao isso seu trabalho de domínio sublimando partes da libido para ele mesmo e para seus fins. Podemos, assim, resumir as perspectivas freudianas, bastante obscuras, abertas pelo trabalho de sublimação na transformação da libido objetal em libido narcísica: sem o ter querido, o eu, por sua ação, presta assistência às pulsões de morte no isso, provocando uma des fusão pulsional e uma liberação das pulsões de agressão.

Dessa maneira, o eu corre o risco de se tornar o objeto destas pulsões de morte que se reúnem no supereu. Trabalhando contra a libido, ou seja, buscando dessexualizá-la e sublimá-la, o eu expõe-se ao risco de maus-tratos, senão de morte. Por isso, ele precisa prestar assistência a si mesmo, enchendo-se de libido e tornando-se, assim, o representante de Eros. Desde então, o eu quer viver e ser amado, termos que lhe são sinônimos. Ele vai pedir este amor ao supereu, neste caso representante do isso, pois este último, não tendo constituído uma vontade unitária, não possui meios de demonstrar ao eu nem amor, nem raiva. Ele é o campo de batalha onde se enfrentam Eros e a pulsão de morte.

Podemos ver a mesma dialética que encontramos entre Eros e Tânatos no processo sublimatório com respeito às tendências sexuais diretas. A satisfação destas últimas na realização sublimatória serve de fato aos intentos do isso em lutar contra a libido perturbadora. Eros é colocado fora de jogo e a pulsão de morte tem as mãos livres para reconduzir tudo à constância e ao silêncio.

Mas, da mesma maneira que a satisfação sexual não extingue definitivamente o desejo, a sublimação, compreendida no caso da contemplação mística, não se confunde com a parada e a estase libidinal.

3 A aspiração infinita ao progresso

Freud (1920/1980) distingue a tendência ao desenvolvimento como consequência das forças exteriores que impelem à adaptação e o “impulso incansável a se aperfeiçoar sempre mais” (p. 60) que só aparece em uma minoria. Esta distinção, sem que ele a precise em outro lugar, retoma aquela que ele estabeleceu anteriormente entre os sujeitos que suportam a sublimação pela via da civilização e aqueles que criam ou retomam a precedente por meio de suas sublimações individuais. Estes últimos apresentam, de maneira mais ou menos acentuada, uma tendência a serem incapazes de satisfazer-se com uma situação estabelecida e a quererem sempre avançar.

Esta aparente “pulsão de aperfeiçoamento” vai ser levada por Freud do espiritual ao orgânico, pois ela faz aparecer finalmente no indivíduo a particularidade das pulsões de vida em geral, a saber, complicar o percurso que vai em direção à morte.

Da mesma maneira que as células germinais repetem indefinidamente o jogo a que elas devem sua aparição, podemos pensar que as sublimações demandam, a seu nível, um esforço semelhante ao ligar, por exemplo, os elementos do pensamento entre eles e ao fazer surgir, sempre e de novo, questões que retomam outras. A comparação poderia prosseguir a partir da “imortalidade” da comunidade científica em oposição à vida necessariamente efêmera de seus membros.

O “progresso” ganha, assim, todo um outro sentido, pois não se trata do movimento que “se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível” mas, ao inverso, que “atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada” (Freud, 1920/1980, p. 58). O que aparece como uma aberração no plano dinâmico é concebido adequadamente de acordo com a sequência proposta por Freud.

Com efeito, ele escreve que “o caminho para trás que conduz à satisfação completa acha-se, via de regra, obstruído pelas resistências que mantêm as repressões, de maneira que não há alternativa senão avançar na direção em que o crescimento ainda se acha livre, embora sem perspectiva de levar o processo a uma conclusão ou de ser capaz de atingir o objetivo” (Freud, 1920/1980, p. 60). Temos nesta passagem um tipo de representação metapsicológica do funcionamento da sublimação que poderíamos descrever como um fenômeno de refluxo que, encontrando o percurso que permite ir para trás barrado, deveria saltar para frente com tanto mais vigor quanto mais elevada fosse a intensidade do fluxo retrógrado.

Novamente, a primazia da dimensão econômica afirma-se determinante. Mas como explicar que certos indivíduos parecem habitados por uma sede de progresso e chegam efetivamente a resultados dos quais

uma civilização se beneficia sem que eles próprios, no entanto, estejam satisfeitos?

Em 1920, Freud dá uma resposta ampliada, a partir de um modelo de tipo biológico, a esta questão – com a qual se resume a noção de sublimação –, que prolonga suas primeiras definições da capacidade de sublimar: trata-se da intensidade da pulsão, pois a pretensa “pulsão de aperfeiçoamento” está longe de ser o destino de todos. As condições dinâmicas de sua aparição estão, é verdade, geralmente presentes de forma completa, mas as condições econômicas só parecem favorecer esse fenômeno em casos raros. O caráter etéreo e “sublimado” que conota o termo sublimação aparece decididamente como muito pouco adequado para dar conta de um processo que só deve sua existência à violência pulsional.

Não obstante, para melhor precisar o esquema dinâmico que evocamos anteriormente, seria preciso poder imaginar as vias nas quais o fluxo libidinal precipita-se em seu movimento de coice. Talvez seja igualmente possível imaginar nesse nível um processo dinâmico, tal como um sopro (no sentido em que se fala “sopro de ar fresco”) constituído por um vazio ou uma falta. Encontraríamos aí o que acabo de afirmar no que toca à hipótese de que as instâncias ideais e o trabalho de luto subjacentes à sublimação por meio das primeiras identificações constituem para a libido uma falta e um “sopro de ar fresco” desse tipo.

The ideals and the sublimation

Abstract: The intention of this article is to relate the work of the sublimation with that of the constitution of the ideas that characterise the narcissistic economy of the Freudian subject. Based on the differentiation, highlighted by Freud, between sublimation and idealization, the article aims to demonstrate in what manner the sublimate process approaches the work of breaking down the defence mechanism through humour. In sublimation, as with humour, are we witnessing the erecting of I in the Self? While we elaborate the mourning for the idealized objects of childhood. The role of the death drive in the emergence of the creative process is also analysed.

Keywords: Sublimation. Humour. Ideal self. Grieve work. Death drive.

Les idéaux et la sublimation

Résumé: Le but de cet article est celui d'articuler le travail de sublimation avec la constitution des idéaux qui caractérisent l'économie narcissique du sujet freudien. En partant de la différenciation, soulignée par Freud, entre la sublimation et l'idéalisation, la manière par laquelle le procès sublimatoire s'approche du travail de désidéatation promu par l'humour est démontrée. Dans la sublimation,

ainsi que dans l'humour, on assiste à une érection du moi dans le moi, en même temps que s'élabore le deuil des objets idéalisés de l'enfance. Le rôle de la pulsion de mort dans le surgissement du procès créatif est aussi analysé.

Mots-clés: Sublimation. Humour. Idéal du moi. Travail de deuil. Pulsion de mort.

Los ideales y la sublimación

Resumen: En este artículo, se pretende relacionar el trabajo de la sublimación con la constitución de los ideales que caracterizan la economía narcisista del sujeto freudiano. Partiendo de la diferenciación, anotada por Freud, entre sublimación e idealización, se demuestra de qué forma el proceso sublimatorio se aproxima del trabajo de desidealización promovido por el humor. En la sublimación, así como en el humor asistimos a ¿una erección del yo en el yo?, al mismo tiempo que elaboramos el luto por los objetos idealizado de la infancia. El papel de la pulsión de la muerte para la emergencia de procesos creativos también es analizado.

Palabras- chave: Sublimación. Humor. Ideal del yo. Trabajo de luto. Pulsión de muerte.

Referências

- Freud, S. (1980). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 59-126). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1980). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1980). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 317-324). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916[1915])
- Freud, S. (1980). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 175-182). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- Freud, S. (1980). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 17-90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (1980). Psicologia de massa e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1980). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Kupermann, D. (2003). *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2010). Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia Clínica*, 22(1), 193-207.
- Mijolla-Mellor, S. (1992). *Le plaisir de pensée*. Paris: PUF.
- Mijolla-Mellor, S. (2005). *La sublimation*. Paris: PUF.
- Mijolla-Mellor, S. (2009). *Le choix de la sublimation*. Paris: PUF.

Sophie de Mijolla-Mellor, Docente da Université Paris 7 - Denis Diderot, Diretora da Escola Doutoral "Pesquisas em Psicanálise" e editora da revista *Topique - Revue Freudienne*. Endereço para correspondência: 20, Rue du Commandant Mouchotte, 75014, Paris, France. Endereço eletrônico: s.mijolla-mellor@wanadoo.fr

Recebido em: 20/11/2009
Aceito em: 25/01/2010
